



I CONGRESSO NACIONAL DE TURISMO

V SECÇÃO

BASES CIENTÍFICAS D O T U R I S M O

TESE APRESENTADA PELO DR. ARMANDO NARCISO



LISBOA

1 9 3 6





I CONGRESSO NACIONAL DE TURISMO

V SECÇÃO

BASES CIENTÍFICAS D O T U R I S M O

TESE APRESENTADA PELO DR. ARMANDO NARCISO



LISBOA
1 9 3 5

O Turismo é uma indústria e como tal tem de ir buscar aos conhecimentos científicos as bases da sua técnica. E' certo que as indústrias viveram durante séculos do empirismo e da rotina, transmitindo-se de pais a filhos os conhecimentos de técnica rudimentar que o uso do ofício e a habilidade do artifice iam acumulando. Mas hoje não há indústria que dispense os conhecimentos da ciência, aproveitando deles a sua técnica. Por isso já não há indústria alguma, antiga ou moderna, que só viva do empirismo e da intuição.

A' ciência, ou melhor ás ciências devem as indústrias os conhecimentos técnicos que permitem o aproveitamento das matérias primas, pelo estudo das suas origens e qualidades e pela industrialização da sua transformação ou manufatura. Assim, da ciência, ou da técnica que ela ensina, vivem as indústrias extractivas e as manufactureiras, empregando mecanismos que os técnicos inventaram, aperfeiçoaram e dirigiram. Mas, fenómeno estranho, a indústria do turismo tem vivido e continua a viver em Portugal afastada da ciência e desaproveitando a técnica.

Se para extrair o ferro da terra e o transformar em materiais industrializados se torna necessário recorrer á técnica que a ciência ensina e aos técnicos que a sabem aplicar, se o mesmo acontece com o aproveitamento de todas as restantes matérias primas, porque não há-de ser preciso recorrer á técnica que a ciência ensina e aos técnicos que a sabem aplicar no aproveitamento do clima, das águas minerais e dos restantes agentes naturais que são as matérias primas da indústria do Turismo? Se para as indústrias extractivas, agrícolas, manufactureiras são precisos técnicos, porque é que a indústria do Turismo vive, ou pretende viver, em Portugal, unicamente guiada por amadores?

E digo em Portugal, porque hoje quasi só em Portugal esta pergunta tem razão de ser feita. Nos restantes países civilizados, onde a indústria do Turismo vive e progride, ela é guiada pela ciência e orientada por técnicos devidamente especializados. Em Portugal, pelo contrário, a não ser no ramo dos transportes, e este ainda bem rudimentar, toda a actividade da indústria do Turismo tem sido dirigida quasi ao acaso, por inspiração de momento, por intuição superficial, por ciência infusa.

E' certamente por isso que as nossas estâncias de turismo são mais cenografia que realidade, mais acidente de paisagem, para vêr de longe, do que locais de cura e prazer, onde se possa viver com segurança e comodidade. Isto porque foram construídas e organizadas ao acaso, por intuição, por imitação exterior, mas sem obedecerem aos princípios basilares que a ciência ensina e a técnica aplica na construção e organização de tais estâncias.

Um ou mais cavalheiros de boa vontade e iniciativa, dispondo de alguns capitais, resolvem, na melhor das intenções, construir, organizar e pôr a funcionar uma estância de turismo. Escolhem, por intuição e palpite, um local da beira-mar ou da montanha. Visitam duas ou três estâncias, marítimas ou de altitude, de além fronteira. Voltam com os olhos cheios do que viram e vão de levantar hotéis e casinos. Feito isto, tocam as trombetas da fama, espalhando, em propaganda laudatória, que a estância é das melhores do mundo, com maravilhoso clima, mara-

vilhosas águas, maravilhosos hotéis, maravilhosos casinos e campos de jogos.

Mas, com grande espanto dos empresários, os forasteiros não chegam, ou chegam á formiga e depois deixam de todo de aparecer. E a estancia morre ou vive vida precária e a empreza acaba por falir. E, sem compreenderem a razão do fracasso, todos perguntam porque é que as estancias visitadas para além das fronteiras continuam florescentes e esta, feita á sua imagem e semelhança, não conseguiu vingar?

Esta estancia não conseguiu vingar porque não foi projectada, construída, organizada e posta a funcionar segundo os ensinamentos da técnica científica do Turismo. O local foi escolhido por palpite e não segundo os dados da climatologia, para os quais não se tratou de colher elementos meteorológicos. O aglomerado habitacional não foi levantado sobre uma rede de esgotos perfeita. Não foi assegurado o fornecimento de água potável, em qualidade e quantidade suficientes. Não se atendeu ás restantes condições sanitárias. Não se estudaram e aproveitaram convenientemente a água medicinal, a praia, a exposição ao sol, o abrigo dos ventos molestos. Os hotéis e casinos não foram construídos nos melhores locais, aproveitando a melhor exposição, o melhor abrigo, os melhores pontos de vista. A sua arquitectura não corresponde ao aspecto da paisagem, nem ás condições do clima. As restantes necessidades de organização não foram previstas. Misturou-se a nova povoação de cura e prazer com a antiga povoação rustica, de modo que os hotéis e vivendas de luxo alternam com casebres e cabanas, assim como os novos parques e jardins alternam com hortas, pocilgas e currais, e as alamedas e avenidas vão desembocar no largo das feiras de gado.

O réclame foi de fantasia e retumbancia, não fundamentado em dados meteorológicos e sanitários. Disse-se que o clima era dos melhores do mundo, enalteceu-se a sanidade local, o conforto dos hotéis, a vida exuberante dos recintos de prazer. Mas, como este réclame não era baseado em dados certos, e sómente laudatório e vago, a maior parte dos estrangeiros, que o leu e sabe o que são estancias de turismo, não acreditou e não veio. Só um ou outro, mais ingénuo e menos experimentado, se aventurou, mas, reconhecendo o erro, não voltou e foi fazer contra propaganda.

Para instalar, organizar e pôr a funcionar uma estancia de turismo há que atender a duas ordens de factores: os estáticos e os dinâmicos. São factores estáticos, em primeiro lugar, os geográficos: situação, constituição do solo e clima. Da situação dependem as vias de acesso, a proveniência, qualidade e quantidade de turistas que podem frequentar a estancia, os recursos locais de que ela pode viver, etc. E' ainda da situação que depende o funcionamento da estancia, como local de passagem ou de permanência, centro de excursões, povoação de refugio, nas estações anuais menos favorecidas, como são as estancias de veraneio ou hibernação, onde acorrem habitantes dos grandes centros. Estão ainda ligadas aos factores geográficos certas condições históricas, como seja a existência de monumentos dignos de visita, e a recordação de episódios de vulto. O mesmo acontece com os costumes tradicionais da população local: maneira de vestir, maneira de viver, festejos característicos.

O estudo geológico do terreno também não deve ser esquecido, porque é dêle que depende o conhecimento da existência de águas medicinaes e potáveis, e da maneira como elas podem ser aproveitadas, e ainda porque á constituição do solo estão ligadas as condições da vida sobre êle. Mas dentre todos os factores geográficos locais, os que mais importa estudar e aproveitar são os derivados das condições meteorológicas, que caracterizam o clima da estancia. Porque são êles que dão á estancia a sua feição especial, tornando-a estancia de passagem ou de permanência, de cura ou prazer, que fazem dela estancia de verão ou de inverno, digna de ser procurada por forasteiros de perto ou de longe.

A seguir ao clima, o outro factor natural de cura a considerar, que pode só por si, ou quasi só por si, decidir da vida duma estancia é o da abundancia e qualidade de águas minerais. Por isso o estudo destas águas e o seu bom aproveitamento é de necessidade máxima na organização das estancias de cura. Só depois de estudados estes factores naturais é que se pode delinear os fundamentos duma estancia de turismo, determinando se ela vai ser uma simples estancia de prazer ou uma estancia de cura, e elaborar os respectivos projectos.

Mas é preciso notar que não é qualquer architecto que pode ela-

borar estes projectos, como não é qualquer médico que pode estabelecer as condições sanitárias de que há-de depender a salubridade da estância. O architecto tem de ser especializado em urbanismo e o médico em sanidade urbana. Mas urbanismo e sanidade urbana applicáveis ás estancias de cura. A estancia de cura, como todo o edificio ou aglomerado de edificios, tem de ser principiada pelos alicerces. Mas aqui os alicerces não são unicamente os fundamentos em que assentam as suas construções. Os alicerces principais e fundamentos duma estancia de cura são a sua rede completa e perfeita de esgotos e o seu fornecimento de água potável, em quantidade e qualidade sufficientes. E, para as estancias termas, é ainda alicerce fundamental a captagem perfeita e scientifica das suas águas minerais.

Lançados assim os verdadeiros alicerces da estancia de cura, torna-se necessário levantar este edificio. Mas ele nunca deve ser levantado á superficie do solo, enquanto debaixo não estiverem terminados os seus fundamentos. Seria construir um prédio sem alicerces. Assegurado o esgoto e assegurado o fornecimento de água potável, chegou o momento de se atender á escolha do estilo ou estilos das construções e á escolha dos locais onde devem ficar situados os hotéis, os casinos e os estabelecimentos de cura. As construções duma estancia de cura precisam casar-se com a paisagem, de modo que a paisagem aproveite delas e elas aproveitem da paisagem. As galerias abertas sobre o horizonte, os grandes terraços, os bem situados miradouros da paisagem são factores que não devem ser desprezados. Levantar os hotéis e os casinos de costas viradas á paisagem é erro e é crime.

Mas não é só no que diz respeito á construção, orientação e localização dos edificios principais que é preciso recorrer á ciencia e á técnica do urbanismo. O problema geral do aglomerado, com a melhor localização de parques e jardins, aproveitando as condições do terreno, e o melhor traçado das avenidas e alamedas, são problemas especiais que precisam ser bem estudados por técnicos especializados. E basta um pequeno exemplo. Construir arruamentos sem atender ás condições locais é não saber aproveitar a iluminação, segundo o trajecto aparente do sol, não saber atender aos ventos dominantes, evitando os nefastos e aproveitando os proveitosos. E muitas outras circunstâncias há ainda a atender, como sejam as que se referem ao transito, ao aproveitamento da paisagem, etc.

O que fica dito é applicável a todas as estancias de turismo, mas naquelas que não são unicamente estancias de prazer, mas ainda estancias de cura, há que atender também á construção dos estabelecimentos que a essa cura se dedicam. A construção de balneários, sanatórios, casas de saúde, depende hoje duma especialização tão completa e tão vasta, que não é quem quere que a pode pôr em prática. Para construir estabelecimentos termas é preciso saber aproveitar os níveis de captagem, conhecer a técnica da crenoterápia, da hidroterápia e da fisioterapia. E' preciso saber como dar as diferentes graduações de temperatura aos vários recintos, para que o doente não saia dum emanatório, duma sala de inalação ou duma estufa para um recinto arrefecido ou para o ar livre. E' preciso conhecer a capacidade desses emanatórios, dessas salas de emanação e a quantidade de ar a renovar em certo espaço de tempo, ar novo vindo do exterior, ou ar beneficiado em circulação permanente. O mesmo acontece no que diz respeito á construção de sanatórios e casas de saúde. Neste caso torna-se necessário saber principalmente como iluminar, como ventilar, como orientar as galerias de cura, como distribuir dentro do edificio os compartimentos destinados aos vários fins, como evitar o contágio.

E muito mais haveria a dizer da construção e organização duma estancia de turismo ou de cura, mas passemos ao seu funcionamento, isto é, aos seus factores dinâmicos. Construída a estancia, de modo a poder aproveitar o melhor possivel todos os factores locais, torna-se necessário não os esquecer, mais tarde, quando a estancia esteja a funcionar. No que diz respeito ao clima é preciso continuar a estudá-lo, fazendo observações meteorológicas, em postos bem apetrechados e servidos por pessoal devidamente habilitado. Um clima só pode ficar bem caracterizado depois de muitos anos de observações meteorológicas, horárias, regulares e metódicas. Outro elemento que deve continuar a ser estudado é a água mineral, que precisa estudo químico, físico-químico e bacteriológico, periódico, para efeitos do seu melhor conhecimento e da sua vigilância. E' sobre o conhecimento do clima e da água mineral que se estabelece

a especialização therapeutica da estancia. E hoje só as estancias bem especializadas podem viver e prosperar.

Mas não basta estudar os factores de cura: clima e água; torna-se necessário estudar também os seus efeitos sobre os doentes e daqui a necessidade de laboratórios e gabinetes de investigação e análise. O mesmo acontece no que diz respeito á sanidade da estancia. Não basta que ella tenha sido mais ou menos assegurada, por boa rede de esgôto e bom fornecimento de água potável, é preciso também defendê-la de mósca e mosquitos, destruir os lixos, mantendo-a assim em boas condições de salubridade e limpeza.

Deixo sem referencia especial os serviços hoteleiros, os de transporte e os de informação, porque certamente que outros congressistas, mais conhecedores dessas especialidades do que eu, não as deixarão no esquecimento. Mas não quero deixar de dizer alguma coisa acerca dos serviços de propaganda. Só a estancia cientificamente organizada está em condições de fazer propaganda verdadeira e proveitosa. Porque só na estancia cientificamente organizada se pode caracterizar o clima, em dados certos, e estabelecer quaes as suas indicações therapeuticas, quaes as melhores épocas do anno a aproveitar, qual o paralelismo ou superioridade climática da estancia sobre as estancias similares. E o mesmo se pode dizer do que diz respeito ás águas minerais. Por outro lado, só a estancia cientificamente organizada poderá falar com verdade das suas boas condições sanitárias, publicando as suas estatísticas de baixa morbilidade e de baixa mortalidade, da ausencia de doenças epidémicas, da qualidade e abundancia das suas águas potáveis da segurança e bom funcionamento da sua rede de esgotos e do destino que dá aos seus resíduos.

Daqui se conclui que não é possível, só com intuição, boa vontade e alguns capitais, construir e pôr a funcionar uma estancia de cura ou prazer. Para atender a todos os factores de que depende o bom funcionamento e o êxito numa destas estancias, é preciso, é indispensável recorrer á técnica que a ciencia ensina, ou melhor que as ciencias ensinam, porque a industria do Turismo é subsidiada por muitas e variadas ciencias. Para a industria do Turismo devem pois trabalhar os técnicos que cultivam estas ciencias: engenheiros geólogos, engenheiros e architectos especializados em urbanismo, meteorologistas, médicos hydrologistas, médicos sanitários, etc.

A presença de todos estes técnicos de verdade é necessária, é indispensável junto das empresas que exploram estancias de turismo ou de cura, e é também necessária e indispensável nos organismos officiaes que orientam e fiscalizam a industria do Turismo em Portugal, desde as comissões de iniciativa até ao Conselho Nacional. E ainda mais, se a estes organismos officiaes, que têm sob o seu fôro a orientação e a fiscalização do Turismo, são indispensáveis os técnicos dos vários ramos desta industria, elles também são indispensáveis na elaboração da legislação do Turismo, que ainda não existe, ou quasi não existe no nosso país, e se torna necessário e urgente elaborar e pôr em execução.

E só depois de assim acontecer, Portugal poderá ser considerado um país de Turismo, porque até hoje elle só pode ser considerado como um país que faz tentativas de Turismo.

SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Rua do Século, 59—LISBOA

